

Reunião Bird-FMI analisa crise no Golfo

Para especialistas o conflito não deve produzir crise igual à dos choques anteriores

ROBERT APPY

WASHINGTON — A assembléia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, que começa terça-feira, poderia ser a festa da vitória, depois da adesão dos países da Europa do Leste e da própria URSS à economia de mercado. Seria uma reunião tranqüila, não fossem os acontecimentos do Golfo Pérsico.

A invasão do Kuwait pelo Iraque modificou totalmente o clima do encontro e exigiu do FMI e do Bird ajustes de todos os prognósticos à realidade criada em 2 de agosto.

Parece haver, no entanto, uma firme disposição de não dramatizar a situação e mostrar que o novo choque do petróleo não terá para a economia mundial as mesmas consequências daqueles ocorridos em 1973 e 1979. Os países souberam tirar ensinamentos do golpe desferido pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) nos anos 70.

Os economistas do Bird e do FMI contribuíram para mostrar que os efeitos do aumento do preço do petróleo não serão dramáticos nem sobre a taxa de crescimento nem sobre a inflação. Chegou-se a afirmar até que para alguns países a alta do óleo será favorável.

É verdade que as economias oci-

dentais reduziram sua dependência ao petróleo. Mas o fato mais importante é que esses países aprenderam a tratar do problema. A solução é simples: temos de aceitá-lo, isto é, não procurar, com subsídios ou invertebrado de preços, escondê-lo da população. Isso, aliás, explica a receita dos organismos internacionais, que é a de refletir diretamente nos preços o aumento do petróleo, para que tal aumento contribua para a redução do consumo.

Não se teme também que o choque petrolífero seja seguido por outro, muito mais perigoso nas suas consequências, que é o choque da taxa de juros. Sabe-se, todavia, que os países em desenvolvimento importadores de petróleo terão, com a alta dos preços do produto, problemas em suas contas externas. Caberá à comunidade financeira internacional encontrar as soluções para esse problema, especialmente na Rodada Uruguai do Gatt.

O Brasil, com a seriedade de sua política de ajuste, poderia ter sido citado como modelo na assembléia FMI-Bird. Infelizmente, a falta de uma posição clara no tocante à renegociação com os bancos comerciais não vai permitir que isso ocorra. Ao participar do encontro anual, a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, poderá sentir como é importante cooperar com a comunidade financeira internacional, que hoje cita, como exemplos de países bem-sucedidos na América Latina, países como o México, Chile e Venezuela.